

## RELAÇÕES EXTERIORES

# Proteção à democracia no centro de cúpula

Combate ao feminicídio, à violência sexual, ao racismo e à xenofobia também é tema de reunião da área social do Mercosul, no Rio de Janeiro

» MAYARA SOUTO

A proteção da democracia nos países da América Latina, em especial, nos que compõem o bloco — Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai — foi o debate central na abertura da Cúpula Social do Mercosul, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. A reunião promove a participação da sociedade civil nas decisões do grupo e está sendo reeditada presencialmente após sete anos de interrupção.

“Essa retomada precisa ser para avançar. Precisamos avançar e institucionalizar os processos de participação na agenda da política externa do nosso país e na do Mercosul. Para que, quando vierem os tempos difíceis, não tenhamos perdas tão significativas, como tivemos nos últimos anos”, afirmou a representante da sociedade civil, Verônica Ferreira, do comitê organizador da Articulação Feminista Marcosur. “Estamos colocando a necessidade de construir uma agenda democrática porque a democracia está em risco na nossa região”, acrescentou.

Na mesma linha, a embaixadora Gisela Padovan, do Ministério das Relações Exteriores, destacou que o Mercosul é um acordo econômico extremamente rentável — segundo ela, em 1991, o comércio entre os membros do bloco era de US\$ 4 bilhões por ano, e 32 anos depois, são US\$ 46 bilhões. “Porém, o Mercosul tem a parte política também. Queremos receber os insumos da sociedade e seguir na direção que vocês vão nos indicar. O engajamento da sociedade civil em movimentos sociais é essencial para alicerçar as bases de uma política

Fernando Frazão/Agência Brasil



A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, discursando na cerimônia, realizada no Museu do Amanhã

democrática, que é o que queremos”, comentou.

A ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, reiterou que os movimentos sociais estão “sempre 50 anos à frente do Estado” e que, por isso, essa articulação entre membros do bloco e os movimentos sociais é tão importante. “Precisamos pensar uma nova estratégia para que os movimentos sociais possam participar, debater e ajudar nas resoluções, que não são fáceis. Temos grandes desafios no Mercosul”, frisou. “No campo das mulheres, temos de discutir a misoginia, o ódio contra as mulheres, que tem

fortalecido cada vez mais o feminicídio e a violência sexual em toda a região.”

Anielle Franco, ministra de Igualdade Racial, corroborou a fala da colega de ministério. “Queremos demandar que a participação social seja mais intensa nas reuniões dos blocos. O desenvolvimento e a cidadania precisam caminhar juntos para pensar em um futuro mais inclusivo, justo e democrático para todas as pessoas. Se com racismo não há democracia, com racismo, xenofobia e desigualdade também não existe desenvolvimento econômico”, enfatizou.

A ministra substituta do Desenvolvimento Agrário, Fernanda Machiavelli, ressaltou que, hoje, em todo o bloco, há “desafios da insegurança alimentar e das mudanças climáticas, e a questão das desigualdades de gênero, de raça, de oportunidades e econômicas, que também se manifestam na dificuldade de acesso à terra”.

Até janeiro, o Brasil está na presidência “pro tempore” do grupo. Além da Cúpula Social, a Cúpula do Mercosul é dividida em mais dois momentos: a Reunião do Conselho do Mercado Comum, amanhã, e a Cúpula de Líderes, na quinta.

## Brasil convidará Putin, reitera presidente

» INGRID SOARES

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva reiterou que o presidente da Rússia, Vladimir Putin, será convidado para a reunião de cúpula do G20 no Brasil, em novembro de 2024. Porém, disse que caberá ao líder russo pesar as consequências.

O petista se referiu à decisão do Tribunal Penal Internacional (TPI) que expediu, em março, um documento para que Putin seja julgado em Haia por crimes de guerra. Ele é alvo de mandado de prisão e está impedido de viajar para os 123 países-membros do Tratado de Roma, que criou o tribunal e tem o Brasil como um dos seus signatários.

“Se o Putin vai ou não, ele vai ser convidado. Ele tem um processo, ele tem que aferir as consequências. Não sou eu que posso dizer”, frisou Lula, em pronunciamento na Alemanha. “É uma decisão judicial. Um presidente

### Resgate de brasileiros

O presidente Lula disse, ontem, que o governo ainda buscará 102 brasileiros que estão na Faixa de Gaza. Ele deu a declaração em Berlim, na Alemanha, onde teve uma reunião com o chanceler do país, Olaf Scholz.

da República não julga as decisões judiciais, ele cumpre ou não cumpre. O Putin está convidado para o G20 no Brasil, para o Brics no Brasil. E se ele comparecer, sabe o que vai acontecer, pode acontecer ou pode não acontecer”, emendou.

Lula lembrou que a Rússia não integra o tribunal. “Ele não é assinante, os Estados Unidos também não são. Como o Brasil é signatário, tem responsabilidade”, ressaltou. Em setembro, o chefe do Planalto afirmou que

o líder russo não seria preso se viesse ao Brasil.

Ontem, Lula também repetiu críticas ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Disse que levará a proposta da reforma da entidade ao G20. Segundo o chefe do Executivo, a organização não tem cumprido seu papel como mediadora da paz.

“Queria dizer que, além da questão da fome, os conflitos que estamos vendo na Rússia e na Ucrânia, entre Israel e Faixa de Gaza não é nada mais nada menos do que a irracionalidade do ser humano. E tudo isso acontece porque a ONU não está cumprindo com o papel histórico para qual ela foi criada”, reprovou. “O Conselho de Segurança que tem os cinco países, tem a Rússia, EUA, China, França e Reino Unido, que deveriam zelar para manter a paz no mundo, mas são esses países os que mais produzem e vendem armas e fazem guerra

sem passar pela decisão do Conselho de Segurança. E quando alguma decisão importante passa, que não interessa, eles têm direito de veto.”

Ao citar o Protocolo de Kyoto e o Acordo de Paris, Lula frisou esperar que países cumpram acordos da COP28: “Se não, estamos brincando de enganar o planeta”. “Decisões devem ser colocadas em prática para não acontecer o mesmo que houve com o Protocolo de Kyoto, os acordos de Paris, que até hoje não foram assumidos. Espero que as decisões de Dubai sejam assumidas, porque senão estamos brincando de enganar o planeta Terra, e o planeta está nos dizendo ‘não brinquem comigo, já suportei muitas adversidades, muitas explosões, muitos meteoros, muitas intempéries, mas eu não posso mais suportar o desaforo e a desinteligência do ser humano em não tratar bem o habitat natural em que a gente mora”, acrescentou.

### NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

## Impasse no acordo Mercosul-União Europeia frustra Lula

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva encerra seu primeiro ano de diplomacia presidencial com um protagonismo internacional que recoloca o Brasil na geopolítica mundial, depois dos quatro anos de isolamento do governo Bolsonaro, porém, seu objetivo mais importante e imediato, em termos econômicos, subiu no telhado: o acordo Mercosul-União Europeia. Ambiguidades de seu comportamento e contingências externas frustram a assinatura do acordo.

Lula investiu muito na política externa. Embora não tenha o mesmo prestígio de 20 anos atrás, quando sucedeu a Fernando Henrique Cardoso como uma grande novidade, ao retomar a nossa tradição diplomática independente, beneficia-se do forte contraste com o desastroso alinhamento de Bolsonaro, um “pária” internacional, aos regimes “iliberais” e líderes de extrema direita mundo afora.

Num primeiro momento, Lula buscou protagonismo como campeão da paz, ao se propor a negociar um cessar-fogo na guerra da Ucrânia, mas esbarrou na própria ambiguidade em relação à invasão russa e no posicionamento dos Estados Unidos e da União Europeia, que transformaram o conflito numa “guerra por procuração” da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) contra o presidente russo, Vladimir Putin.

Entretanto, as negociações do Mercosul com a União Europeia, que já duram 23 anos, avançaram bastante. Também avançaram as iniciativas para reposicionar o Brasil na questão ambiental, na qual somos protagonistas por vocação, em razão da Amazônia e do potencial de produção de energia renovável: hidrelétrica, solar, eólica e combustível verde (hidrogênio).

A COP28, em Dubai, seria a grande oportunidade de assumir essa liderança, mas a entrada do Brasil como observador na Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep) criou um ponto de interrogação entre as intenções anunciadas por Lula e essa atitude em relação aos combustíveis fósseis. A decisão de aderir como observador ao cartel das petroleiras levou água para o moinho dos países europeus que dificultam o acordo com o Mercosul, em razão da questão ambiental.

### Apoio alemão

Nesta segunda-feira, em Berlim, o presidente Lula disse que não pretende desistir da conclusão do acordo Mercosul-União Europeia, apesar da mudança de governo na Argentina, cujo novo presidente, Javier Milei, fez campanha contra o acordo, e das duras críticas do presidente da França, Emmanuel Macron, aos termos da proposta. Lula acusou o golpe: “Depois de 23 anos, se a gente não concluir o acordo, é porque eu penso que nós estamos sendo irrazoáveis”, disse, ao lado do chanceler da Alemanha, Olaf Scholz.

A próxima reunião do Mercosul será amanhã e quinta-feira, no Rio de Janeiro, sob a presidência do Brasil. Lula volta da Alemanha com o apoio de Scholz à conclusão do acordo, o que não é nada desprezível, mas insuficiente. O primeiro-ministro alemão está “convencido de que será possível obter uma maioria nos dois órgãos, tanto no Conselho Europeu quanto no Parlamento Europeu”.

O Itamaraty ainda tem esperança de que o novo governo da Argentina, de Javier Milei, se mantenha no acordo e aproveite a oportunidade para barganhar seus interesses, um bom motivo para não encerrar as negociações. Caso “los hermanos” permaneçam em campo, o problema maior continuará sendo a França. No sábado, em Dubai, Macron anunciou com todas as letras que é contrário ao acordo nas suas bases atuais, cujo eixo é a isenção ou redução de impostos de importação de bens e serviços dos dois blocos. A oposição da França inviabiliza o acordo, ao menos temporariamente.

Apesar de assinado em 2019, durante o governo Bolsonaro, a União Europeia resolveu fazer novas exigências, entre elas, condicionar as relações comerciais à questão ambiental. “O acordo não leva em conta a biodiversidade e o clima, é um acordo de desmantelamento de tarifas à antiga”, disse Macron. Citou como exemplos de acordos modernos os da União Europeia com a Nova Zelândia e o Chile.

Macron alega que é difícil explicar o acordo para um agricultor, um produtor de aço ou de cimento. Sua exigência é incluir um capítulo específico sobre questões trabalhistas, de igualdade de gênero, ambientais e climáticas, e a possibilidade de acionar um mecanismo de solução de controvérsias em caso de violação dos compromissos. No fundo, quer menos livre-comércio e mais protecionismo.

## O GDF está transformando a maior favela do Brasil em uma cidade de verdade.

R\$ 600 MILHÕES INVESTIDOS NO SOL NASCENTE/PÔR DO SOL.

O GDF está mudando o conceito de que o Sol Nascente/Pôr do Sol é uma grande favela. Para isso, está investindo R\$ 600 milhões em obras de infraestrutura e na construção de escolas, UBSs, restaurantes comunitários, terminais rodoviários e muito mais. O GDF sabe que ainda há muito o que fazer, principalmente no Trecho 3. Por isso, vai continuar trabalhando para transformar o Sol Nascente/Pôr do Sol em uma cidade de verdade, depois de mais de 20 anos de abandono.



Dona Amália e a sua filha Leticia Moradoras do Sol Nascente

